



**Funcionalizando o feminino: a irmã-rainha-mãe-esposa-penitente ‘sem nome’ em *Gregorius* de Hartmann von Aue**  
**Functionalizing the feminine: the 'unnamed'sister-queen-mother-wife-penitent in *Gregorius* by Hartmann von Aue**

Daniele Gallindo Gonçalves SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** Tendo como base teórica a *Namenforschung* de Friedhelm Debus e as pesquisas de Gênero de Judith Butler, o presente trabalho pretende discutir as relações estabelecidas entre a personagem masculina, tema da narrativa, e sua mãe/esposa. Sendo assim, nosso foco de análise é a personagem feminina sem nome de *Gregorius* de Hartmann von Aue. Pretendemos, portanto, comprovar que há uma funcionalização desse feminino na obra em questão.

**Abstract:** Based on the theoretical *Namenforschung* by Friedhelm Debus and the Gender research by Judith Butler, this paper discusses the relationship established between the male character, theme of the narrative, and his mother/wife. Thus, our focus of analysis is the unnamed female character of *Gregorius* of Hartmann von Aue. We intend, therefore, to prove that there is a functionalization of this feminine in the work in question.

**Palavras-chave:** Literatura em Médio-Alto-Alemão – *Gregorius* – *Namenforschung*.

**Keywords:** Middle High German Literature – *Gregorius* – *Namenforschung*.

ENVIADO: 16. 05.2013

ACEITO: 05.06.2013

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: [danigallindo@yahoo.de](mailto:danigallindo@yahoo.de).



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

## I. Introdução

O nome, por conseguinte, é instrumento para informar a respeito das coisas e para separá-las, tal como a lançadeira separa os fios da tela.  
Platão, *Crátilo* 388c.<sup>2</sup>

Nomear (em alemão: *nennen*) é atribuir existência a algo/alguém. Através do nome próprio é criada uma relação de inserção social, bem como o sobrenome, que acaba por relacionar-se também à questão do pertencimento familiar, quase que em uma relação de clã/tribo. Essa correlação fica mais que clara em uma breve análise de uma passagem da obra *Gregorius*<sup>3</sup> (Gr daqui em diante) de Hartmann von Aue. O primeiro sinal de reconhecimento do protagonista lhe é dado através do batismo no exato momento em que é chamado de Gregorius, o que, todavia, não basta “para a determinação de sua identidade”,<sup>4</sup> visto que o primeiro nome não faz qualquer referência direta a sua linhagem nobre.

Ao contrário, ao lhe atribuir um nome, o abade cria uma ‘relação de parentesco’ artificial consigo e, conseqüentemente, a pré-progamação de uma vida religiosa, pois nas palavras deste: “[...] depois de agora/ me tornar seu pai espiritual,/ gostaria muito para sempre,/ pela salvação da minha alma,/ de tê-lo como meu filho/ pois este foi abençoado” (“[...] *sît ich nû bie/ sîn geistlich vater worden bin,/ durch mînes heiles gewin/ sô will ich ez iemer hân/ (ez ist sô salichlich getân)/ vil gerne an mînes kindes stat*”, Gr 1138-1143).

De acordo com a análise de Friedhelm Debus, cinco são as funções atribuídas aos nomes literários: identificação (*Identifizierung*), ficcionalização-ilusão (*Fiktionalisierung – Illusionierung*), caracterização (*Charakterisierung*), mistificação (*Mythisierung*) e acentuação-anonimização (*Akzentuierung – Anonymisierung*). No

---

<sup>2</sup> PLATÃO. *Os diálogos de Platão*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. v. IX: Teeteto – Crátilo. Belém: Editora UFP, 1973, p. 126.

<sup>3</sup> O texto será citado de acordo com a edição crítica HARTMANN VON AUE. *Gregorius*. Tübingen: Max Niemeyer, 2004 (ATB 2). No corpo do artigo, seguem as traduções realizadas por nós bem como os trechos retirados da referida edição. *Gregorius* foi compilado por Hartmann von Aue entre 1185 e 1200, baseado na legenda em francês antigo *La vie du pape Grégoire* (1150) (WOLF, Jürgen. *Einführung in das Werk Hartmanns von Aue*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2007, p. 95).

<sup>4</sup> “zur Bestimmung seiner Identität”; MÜLLER, Jan-Dirk. *Höfische Kompromisse. Acht Kapitel zur höfischen Epik*. Tübingen: Max Niemeyer, 2007, p. 254.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

que tange à função identificatória, afirmamos em consonância com Debus que é através de um nome que a personagem ganha uma identidade própria, que se torna única tanto dentro do universo literário quanto para o público. O nome demarca a personagem literária em relação a outra figura da narrativa.

Por conseguinte, podemos ressaltar dois aspectos da função identificatória: 1. o nome fornece a identificação da personagem pelo público, marcando-a claramente e impossibilitando confusões e 2. também dentro do texto literário, as personagens tornam-se reconhecíveis por outras. No caso da função ficcional-ilusória, trata-se de “um aspecto especificamente literário”,<sup>5</sup> pois “já através da nomeação de uma personagem, é sugerida a ilusão da realidade a uma personagem. O nome funciona como estímulo para o leitor imaginar a figura literária como uma pessoa viva”.<sup>6</sup> A função caracterizadora está diretamente ligada ao processo de se encontrar um nome para a personagem literária e é, em certa medida, “uma das funções mais abrangente dos nomes literários”.<sup>7</sup>

Destarte, a natureza e a descoberta de nomes, assim como sua utilização dentro do texto literário não serão focadas em nossa interpretação, pois a personagem aqui analisada não possui um nome, sendo importante, assim, pensar o porquê da não atribuição de um nome a mesma. Por sua vez, a função mitificadora liga-se ao componente mágico que é atribuído a um nome.<sup>8</sup>

Já a função acentuadora inaugura a possibilidade de tornar a personagem um ponto crucial para as relações narrativas, ou seja, podemos afirmar que esta é

---

<sup>5</sup> “einen spezifisch literarischen Aspekt”, DEBUS, Friedhelm. *Namen in literarischen Werken*. (Er-)Findung, Form, Funktion. (Akademie der Wissenschaften und der Literatur Mainz, Abhandlungen der Geistes- und sozialwissenschaftlichen Klasse, Jahrgang 2002, Nr. 2). Stuttgart: Steiner, 2002, p. 76.

<sup>6</sup> “bereits durch die Nennung eines Namens wird die Illusion der Realität einer Figur suggeriert. Der Name wirkt als Impuls für den Leser, sich die literarische Gestalt als lebende Person vorzustellen.”, HENGST, Karlheinz/ SOBANSKI, Ines. Eigennamen als Strukturelemente im literarischen Text. In: DAKOWSKA, Maria (org.). *English in the Modern World*. Festschrift for Hartmut Breitzkreuz on the Occasion of his Sixtieth Birthday (Foreign Language Studies 5). Frankfurt am Main: Peter Lang, 2000, p. 80.

<sup>7</sup> “eine der umfassendsten Funktionen literarischer Namen”, DEBUS, Friedhelm. *Namen in literarischen Werken*. *op.cit.*, p. 77.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 81-84.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17* (2013/2)  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

uma ‘função de rede’, por interligar as personagens. Acerca do fenômeno da anonimização, Debus considera dois aspectos desse fenômeno, por um lado, as personagens que, no decorrer da narrativa, não são nominadas e, por outro, aquelas que não tem seus nomes revelados, embora conhecidos, “por grande reverência [...] ou seu uso é como tabu para evitar o abuso”.<sup>9</sup>

Todavia, o autor não distingue entre a anonimidade completa e prevista da personagem (como o caso da personagem aqui analisada) e a anonimidade intra-literária, aquela que só existe dentro do universo da narrativa, pois ao leitor é dado o conhecimento do nome da personagem.

Embora Gisela Steinle, ao analisar a obra *Gregorius* e *Der arme Heinrich* de Hartmann von Aue, assevere que o anonimato das duas personagens femininas principais tenha a ver “com o caráter de legenda dessas obras, onde o foco principal está voltado para o caminho do herói-título”,<sup>10</sup> há, entretanto, diferenças consideráveis entre as duas narrativas e as respectivas personagens.

A donzela de *Der arme Heinrich* não tem uma história própria,<sup>11</sup> só existindo em função da relação direta com Heinrich. Já à personagem feminina de *Gregorius*, por possuir uma história própria do início ao fim do texto, seria narrativamente mais viável que possuísse um nome. A falta do nome desse feminino tem consequências para a personagem título da obra, pois por não possuir um sobrenome, não lhe é atribuído um pertencimento.

Se de certa forma o nome, seja próprio ou sobrenome, tem importância no delinear das personagens dessa legenda cortês (*Höfische Legende*),<sup>12</sup> resta-nos

<sup>9</sup> “aus großer Ehrfurcht nicht genannt wird oder seine Verwendung zur Vermeidung des Missbrauchs tabuisiert ist.”, *Ibid.*, p.86.

<sup>10</sup> “mit der Legendenhaftigkeit dieser Werke zu tun, wo das Hauptaugenmerk auf den Weg des Titelhelden gerichtet ist.”, STEINLE, Gisela. *Hartmann von Aue – Kennzeichen durch Bezeichnen. Zur Verwendung der Personenbezeichnungen in seinen epischen Werken*. Bonn: Bouvier, 1978, p. 321.

<sup>11</sup> Sobre *Der arme Heinrich*, não nos cabe aqui maiores explicações. Para uma análise mais detalhada ver SILVA, Daniele Gallindo G./ CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. *Corpos que falam, corpos que calam: um estudo comparativo das personagens rymenhild, de King Horn, e a donzela, de Armer Heinrich, de Hartmann von Aue. In: Revista de História Comparada* 4 (2), 2010, 72-94. <http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/revistahc.htm> (29/03/2012).

<sup>12</sup> Legendas corteses são textos com caráter híbrido por narrarem a vida de santos ou milagres, mas possuem características inerentes as épicas corteses (cf. SILVA, Daniele



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

indagar o porquê da personagem feminina da obra em questão não possuir um nome. Para tanto lançaremos mão do aporte teórico de gênero para analisar a referida personagem, pois, como afirmado por Margaret Bridges, “homens e mulheres movimentam-se, na maioria das vezes, em situações de espaços específicos de gênero. Eles auxiliam um ao outro, passando por sobre muitos desvios para a construção social de uma identidade sexual”.<sup>13</sup>

Entendemos, dessa forma, em conformidade com as discussões levantadas por Judith Butler, ser o ‘sexo’ uma normativa delineada a partir de leituras próprias de uma dada cultura e de relações de poder específicas.<sup>14</sup> O gênero, por sua vez, é uma materialização discursiva, um elemento constituinte de disputas de poder possuindo, ainda, um caráter flexível, mutável e contextual. Passemos, portanto, a análise mais detalhada da referida personagem feminina sem nome da obra *Gregorius*.

## II. A criança

Desde a infância a personagem feminina (futura mãe e esposa de Gregorius) – bem como o pai de Gregorius (irmão da figura feminina em questão) – é descrita como bem-educada e bem-feita. Ainda que “os atributos corporais”<sup>15</sup> a esta relacionados sejam poucos no decorrer da narrativa, a beleza é marca indelével de sua caracterização, como os seguintes trechos demonstram: “duas crianças, que não poderiam ser fisicamente mais belas” (“*zwei kint diu an ir lîbe/ niht schæner mohten sîn*”, Gr 182-183) e “ambas eram igualmente de tão bela formação física” (“*diu wâren gelîche/ sô rehte wûnneclîche/ gerâten an dem lîbe*”, Gr 203-205).

---

Gallindo G. “*mit wachen und mit gebete,/ mit almuosen und mit vasten*”. *Die Kasteiung des Fleisches in den Werken Hartmanns von Aue und Wolframs von Eschenbach* (Schriften aus der Fakultät Geistes- und Kulturwissenschaften 7). Bamberg: University of Bamberg Press, 2011, p. 261).

<sup>13</sup> “Männer und Frauen bewegen sich meistens in geschlechtsspezifischen Raumkonstellationen. Sie verhelfen einander über viele Umwege zur sozialen Konstruktion einer sexuellen Identität.”, BRIDGES, Margaret. *Komplex Geschlechtskonstruktion und – dekonstruktion. Objekte und Subjekte der mittelalterlichen Literatur*. In: *Unipress: Forschung und Wissenschaft an der Universität Bern*. Heft 109, Juni 2001. <http://www.unibe.ch/unipressarchiv/heft109/beitrag5.html> (01/01/2013), p. 2.

<sup>14</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 18.

<sup>15</sup> “der körperlichen Attribute”, BRINKER-VON DER HEYDE, Claudia. *Geliebte Mütter – Mütterliche Geliebte. Rolleninszenierung in böfischen Romanen*. Bonn: Bouvier, 1996, p. 65.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

A menina cresce sob a tutela do irmão mais velho, até que a beleza juvenil ‘sedutora’ desta desperta os desejos masculinos daquele. Como afirmado por Scott Pincikowski, a beleza não é apenas uma virtude ‘interna’ da personagem, mas também contribui para o conflito ‘externo’ causado pelo despertar do desejo gerado pela imagem erótica do corpo.<sup>16</sup>

### III. A amante do próprio irmão e a genitora de Gregorius

an sîner swester minne  
sô riet er [der Teufel] im ze verre  
unz daz der juncherre  
verkêrte sîne triuwe guot  
ûf einen valschen muot.  
Daz eine was diu minne  
die im verriet die sinne,  
daz ander sîner swester schœne,  
daz dritte des tiuvels hœne,  
daz vierde was sîn kintheit  
diu ûf in mit dem tiuvel streit  
unz er in dar ûf brâhte  
daz er benamen gedâhte  
mit sîner swester slâfen.  
(Gr 318-331)

(desejoso do amor de sua irmã/ ele (o diabo) o insinuou muito/ até que o jovem senhor/ inverteu sua virtude da fidelidade/ em falsa intenção./Um foi o amor/ que lhe desvirtuou os sentidos/ o outro foi a beleza da irmã,/ o terceiro foi a maldade do diabo,/ o quarto, contudo, foi sua juventude/ que se voltou juntamente com o diabo contra ele/ até que ele foi levado/ a realmente vir a/ dormir com a irmã.)

Ainda que o narrador lance mão do *topos* da sedução feminina através da beleza<sup>17</sup> e da juventude dos irmãos, através da inocência e inexperiência, essa culpa é transferida para o diabo, que incorpora o papel de fator natural de desestabilização da ordem divina.<sup>18</sup> Ao diabo acaba por ser atribuída toda a

<sup>16</sup> PINCIKOWSKI, Scott E. *Bodies of pain. Suffering in the works of Hartmann von Aue*. New York: Routledge, 2002, p. 93.

<sup>17</sup> Para uma discussão sobre a mulher como sedutora e seduzida ver ANGENENDT, Arnold. *Geschichte der Religiosität im Mittelalter*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005, p. 262-264.

<sup>18</sup> Acerca do motivo da sedução através do diabo ver BRINKER-VON DER HEYDE, Claudia. *Geliebte Mütter – Mütterliche Geliebte*. *op. cit.*, p. 125f.

culpa, pois este é o causador mor da catástrofe dinástica: “agora o diabo não mais a largaria, até que nela fosse feita a sua vontade” (“*nû begap si der tiuvel nie/ unz sîn wille an ir ergiê*”, Gr 351-352). A jovem, portanto, “como Eva [...] não é a sedutora, mas a seduzida, como Maria não é a quintessência da intangibilidade sexual, mas um ser sexuado”.<sup>19</sup>

Todavia, a tentativa da donzela de fugir da tentação da carne, do diabo, fracassa, pois a mesma teme perder seu *status* social. Por fim, há a relação sexual com o irmão – “ele foi forte e ela fraca” („*wan er was starc und sî ze kranc*“, Gr 393) – e a jovem acaba por engravidar. Fica a pergunta, se ela foi fraca fisicamente em comparação ao corpo masculino ou se a fraqueza se refere à entrega sensual, ou seja, uma fraqueza de espírito. Ao descrever esse momento, o narrador desculpa o comportamento masculino, ao afirmar que o rapaz fora seduzido pelo poder diabólico, e exime de culpa a donzela, ao afirmar que ele a tomara a força “contra a sua vontade” (“*âne der gnoten danc*”, Gr 394) culpando-a ao mesmo tempo por sua beleza.

Vemos, então, que a fraqueza dela foi física e, por conseguinte, há a reafirmação da ausência de culpa desse feminino. Além de um incesto haveria também um estupro, contudo, este só fica explicitado na fonte francesa (*Grégoire* – “violee”, v. 201<sup>20</sup>). Embora o narrador tente desculpar a ação dos irmãos com a inserção da figura do diabo, da tentação, ambos acabam por incorporar suas culpas por não terem agido de maneira consequente.

Para ambos é o início de uma fase de sofrimento e de mudanças corporais e psíquicas: para a dama, sua gravidez alterará seu físico e a dor decorrente do julgamento social fará com que esta perca sua força espiritual e se entregue ao lamento; para ele, significará a perda do corpo real (retirada do poder como governante) e a sucessiva perda da dignidade. Nesse contexto, o narrador atribui aos olhos o papel de revelador da alma – *oculus animi index*<sup>21</sup> –, pois as

<sup>19</sup> “Als »Eva« ist [...] nicht die Verführerin, sondern die Verführte, als »Maria« nicht Inbegriff sexueller Unberührtheit, sondern ein geschlechtliches Wesen.”, KASTEN, Ingrid. Schwester, Geliebte, Mutter, Herrscherin. Die weibliche Hauptfigur in Hartmanns »Gregorius«. In: *Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur* 115, 1993, p. 419.

<sup>20</sup> MERTENS, Volker. Kommentar. In: HARTMANN VON AUE. *Gregorius. Der arme Heinrich. Iwein*. Text und Kommentar (DKV TB 29). Herausgegeben und übersetzt von Volker Mertens. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 2008, p. 843.

<sup>21</sup> Sobre a discussão acerca dos olhos na visão medieval como o “espelho da alma” cf. SCHLEUSENER-EICHHOLZ, Gudrun. *Das Auge im Mittelalter* (Münstersche Mittelalter-



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

lágrimas que daqueles emanam são a expressão da dor e aos olhos dos observadores denunciam o descontrole, visto que também a audição é sensibilizada pelo som do choro:

nû begunde si dâ von  
siuften von herzen.  
den angestlîchen smerzen  
erzeicte si mit den ougen.  
(Gr 430-431)

(por isso ela começou/ a suspirar de todo coração./ as dores angustiantes,/ ela demonstrava com os olhos.)

A dama tem consciência de que a gravidez significa para ela a decadência dos valores pregados pela corte e conseqüentemente denota sua morte “espiritual e corporal” (“*an der sêle und an dem lîbe*”, Gr 437). Tanto aos olhos da sociedade cortes quanto aos da comunidade cristã, esta pode perder seu *status* de realeza e de boa cristã. A falta cometida com o irmão macula seu corpo espiritual de donzela cristã e modifica tanto fisicamente quanto moralmente seu corpo físico – “pois através da tua culpa, perdi-me para Deus e para os homens” (“*wande ich hân durch dich verlorn/ got und ouch die liute*”, Gr 440-441).

Neste universo, a ética e a moral cortes-cristãs são a força motriz do sistema social. Por conta do erro, ambos veem-se obrigados a redefinir seus papéis através da tentativa de encobrir a falha cometida.

An diesem ungewinne  
erzeicte ouch vrou Minne  
ir swære gewohnheit:  
si machet ie nâch liebe leit.  
alsam ist in erwallen  
daz honec mit der gallen.  
er begunde sêre weinen,  
daz houbet underleinen  
sô riuweclichen mit der hant  
als dem ze sorgen ist gewan.  
ez stuont umbe al sîn êre:  
iedoch sô klagete er mêre  
sîner swester arbeit

---

Schriften 35). Segundo volume. München: Wilhelm Fink, 1985, p. 723-750. Neste sentido, a alma reside no coração.





SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

danne sîn selbes leit.  
(Gr 451-464)

(Nesta catástrofe,/ a senhora amor também demonstrou/ seu mau hábito:/ ela trouxe depois do amor o sofrimento./ assim está para eles em efervecência/ o mel com o fel./ ele começou a chorar compulsivamente/ e apoiou a cabeça/ com a mão em arrependimento/ como quem se preocupa demasiadamente./ toda a sua honra estava em jogo:/ contudo, ele lamentava mais/ a desgraça de sua irmã/ do que seu próprio sofrimento.)

Destarte, a melhor forma encontrada por um “homem muito sábio” (“*harte wîsen man*”, Gr 491) é a separação imediata e ratificada – aos olhos da comunidade – dos amantes/irmãos (vgl. Gr 637-656). Ao irmão é aconselhado que siga em peregrinação “ao Santo Sepulcro” (“*zum heiligen grabē*”, Gr 573) com a finalidade de purgação para seu pecado mortal – “lá expie vossos pecados/ como Deus vós impele./ seu corpo pecou contra Ele:/ então o penitencie” (“*dâ büezet in ver sünde/ als in ch des got geschüinde./ der lîp hât wider in getân./ den lât im ouch ze buoze stân*”, Gr 579-582). Visto que à comunidade não seria dado conhecer os reais motivos da empreitada, evitar-se-ia a difamação e desmoralização disnática, pois incorporar o *habitus* de um ‘cruzado’ era adquirir um valor positivo aos olhos dessa sociedade cortês-cristã.

A peregrinação possibilitaria ao irmão a cura de sua alma da doença da relação incestuosa e, conseqüentemente, a salvação em vida de sua alma. À irmã é aconselhado que se afaste da corte e se mude para a casa de um ancião até que seu corpo não traga mais em si as marcas do pecado de ambos, ou seja, até que dê a luz a criança. Ao mesmo tempo, o poder sobre o reino na ausência do senhor é transferido para a dama – “que ela cuide do reino, enquanto estiverdes fora” (“*daʒ si des landes müeze phlegen/ unʒ ir belîbet under wegen*”, Gr 577-578). Todavia, sua influência política direta é limitada pela transferência física para a casa do conselheiro, só sendo retomado o exercício de poder após o nascimento da criança.

Embora o narrador não teça maiores comentários acerca do sofrimento da irmã ao ser transferida da corte, as expressões utilizadas para descrever o afastamento dela do irmão/amante permanecem como marca indelével da dor da perda: “com grande sofrimento” (“*mit grôzem herzeleid*”, Gr 638); “grande lamento” (“*grôzen jâmer*”, Gr 643); “para ambos houve tampouco alegria, como se fosse lançado gelo no fogo” (“*zewâre ez was in beiden/ diu vrende alsô tiure/ sam*

*daz îs in dem viurē*”, Gr 648-650); “a separação lhes doeu em demasiado” (“*durch nôt tet in daz scheiden wê*”, Gr 655). A própria situação de pecado e o distanciamento de seu ambiente de atuação acabam por agravar a dor da separação física.

Se a personagem incorpora o papel de irmã, senhora e amante, o papel de mãe, todavia, lhe é suprimido durante a narrativa, visto que ao nascer a criança é ‘descartada’ no mar juntamente com uma placa (cf. Gr 734-739), um tecido de seda (cf. Gr 710-712) e vinte moedas de ouro (cf. Gr 713-718). Por personificar o pecado, o recém-nascido deve ser privado do convívio com a mãe e, conseqüentemente, com a sociedade cortes a que pertence por direito de sangue.<sup>22</sup>

No ambiente público, a dama retoma completamente seu *status* político, mas no privado, ela é a mãe que não pode assumir tal papel e que, por isso, se sente desnaturada. Neste sentido, o narrador assevera que não possui a capacidade adequada para verbalizar a dor da personagem,<sup>23</sup> como expresso no seguinte trecho:

Ir wizzet wol daz ein man  
 der ir iewederz nie gewan  
 reht liep noch grôzez herzeleit,  
 dem ist der munt niht sô gereit  
 rehte ze sprechene dâ von  
 sô dem der ir ist gewon.  
 nû bin ich gescheiden  
 dâ zwischen von in beiden,  
 wan mir iewederz nie geschach:

<sup>22</sup> Para uma apresentação mais detalhada da personagem masculina cf. SILVA, Daniele Gallindo G. Ritual e Literatura: Gregorius de Hartmann von Aue. In: *Revista Medievalis* 1 (1), 2012, 3-20. <http://medievalis.nielim.com/edicoes/> (29/03/2013).

<sup>23</sup> Aqui, reconhecemos o topos do indizível (Unsagbarkeitstopos), já definido na pesquisa de Ernst R. Curtius, ao referir-se à “ênfase da impossibilidade de fazer juz à matéria” (“die Betonung der Unfähigkeit, dem Stoff gerecht zu werden”, CURTIUS, Ernst Robert. *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*. Tübingen/Basel: Francke, 1993, p. 168). Neste sentido, o narrador utiliza seu catálogo linguístico e retórico, a fim de retratar de maneira crível a dor/sofrimento das personagens. Assim, a dor é compreendida como um fenômeno imanente ao texto (cf. também LECHTERMANN, Christina. Funktionen des Unsagbarkeitstopos bei der Darstellung von Schmerz. In: SCHIEWER, Hans-Jochen/SEEGER, Stefan/STOCK, Markus (org.). *Schmerz in der Literatur des Mittelalters und der Frühen Neuzeit* (Trast 4). Göttingen: V&R Unipress, 2010, p. 85-104).



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

ichn gewan nie lieb noch ungemach,  
ich enlebe übele noch wol.  
dâ von enmac ich als ich sol  
der vrouwen leit entdecken,  
noch mit worten errecken,  
wan ez wære von ir schaden  
tûsent herze überladen.  
(Gr 789-804)

(Vós ireis saber, que um homem/ que nem verdadeira alegria/ nem grande sofrimento experienciou/ não possui a verdadeira expressão/ para falar disso corretamente/ como aquele, que está familiarizado com isso./ agora eu me aparteí/ de ambas,/ me aconteceu:/ nunca experienciei alegria nem sofrimento,/ nem vivenciei felicidade ou infelicidade./ por isso não posso, como deveria,/ revelar o sofrimento da dama/ nem descreve-lo com palavras,/ pois, com sua infelicidade, teriam/ cem corações se preenchido.)

Ainda segundo o narrador, o sofrimento da personagem pode ser vislumbrado em três etapas distintas, sendo a primeira delas o incesto com o irmão – que para a sociedade representa uma vergonha para a linhagem e nos ensinamentos cristãos é um pecado –, a segunda e terceira são respectivamente o nascimento do filho e a separação. Todavia, acaba por delinear-se uma quarta etapa, pois lhe chega a notícia de que o irmão teria vindo a óbito (cf. Gr 805-850).

Percebemos, assim, que o narrador une a dor física, mais especificamente, o parto, ao sofrimento da alma, acabando por não distingui-los. Ainda que a dama sofra, sua dor precisa ficar na esfera privada, no segredo, pois é consequência de uma grave falha moral. No ambiente público, a dama ve-se obrigada a encenar o papel da senhora núbil, que assegurará a perpetuação e estabilização da linhagem.

an gebürte und an lîbe,  
an der rîcheit und an der jugent,  
an der schœne und an der tugent,  
an zuht und an güete  
und an allem ir gemüete  
sô was si guotes mannes wert:  
(Gr 864-869)



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

(em nascimento e em aparência/ em poder e em juventude,/ em beleza e em virtude,/ em educação e em bondade/ e em toda a sua natureza/ ela era digna de um homem valoroso.)

Contudo, a incorporação do pecado e do luto (pela morte do irmão/amante e a morte simbólica do filho) conduz a personagem a uma vida voltada a Deus. A encenação pública da dama núbil é suplantada pela imagem de uma mulher temente a Deus, que se mortifica, ora e jejua.<sup>24</sup> Nessa imagem encontramos um eco de diversas representações propagadas pelas vidas de santas.

Hartmann utiliza esse tipo de feminino como base para ‘desenhar’ sua personagem como uma *vrouwe* (dama), que despreza o mundo e sua organização, renuncia a toda alegria e conforto, com a finalidade de estabelecer uma vida mais próxima de Deus. Esses femininos negam, portanto, o status de uma feminilidade institucionalizada que se encaixa dentro de um discurso misógino, muita vezes policromático, que promove padrões e papéis sociais estratificados. Na mesma direção seguem as conclusões de Ingrid Kasten em sua análise sobre a *Construção do corpo sagrado (Konstruktion des heiligen Körpers)* nas lendas.

Basicamente, no gênero da lenda, o desejo é constitutivo de poder dispor de seu corpo e suas paixões desestabilizadoras, e esse desejo gera, por assim dizer, *ex negativo* a imagem de um corpo virtual, sagrado e ‘masculino’, que também define os conceitos de religiosidade feminina.<sup>25</sup>

Ao evitar o casamento e incorporar o *habitus* de castidade, a personagem aproxima sua existência à de uma viúva, pois como afirmado por Gisela

---

<sup>24</sup> De acordo com Caroline Walker Bynum, as experiências religiosas femininas apresentarão maior relação com a alimentação do que as masculinas, nesse caso referimos ao jejum da personagem. Como afirmado pela autora: “Ambos, Cristo e as mulheres, são alimento na medida em que ambos são corpos” (“Both Christ and women were food insofar as they were bodies”, BYNUM, Caroline Walker. *Holy feast and holy fast. The religious significance of food to medieval women*. Berkley/ Los Angeles/ London: University of California Press, 1987, p. 275).

<sup>25</sup> “Grundsätzlich ist [...] in der Gattung der Legende der Wunsch, über den Körper und seine destabilisierenden Affekte verfügen zu können, konstitutiv, und dieser Wunsch generiert gewissermaßen *ex negativo* die Vorstellung eines virtuellen, eines heiligen, eines ‚männlichen‘ Körpers, der auch die Konzepte ‚weiblicher‘ Heiligkeit bestimmt”, KASTEN, Ingrid. Gender und Legende. Zur Konstruktion des heiligen Körpers. In: *Historischer Verein Bamberg* 137, 2001, p. 128.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Gerhards “a religião cristã recomenda a viúva a superar a estreiteza e sensualidade do amor natural pelo homem e voltar-se à capacidade amorosa libertadora de amor a Cristo”.<sup>26</sup>

Em seu caso, entretanto, a viuvez só pode ser compreendida à luz da percepção pessoal de seu *status*, pois para a sociedade ela é solteira. Todavia, a *vrouwe* incorpora a viuvez como sua verdade, visto que perdeu ao mesmo tempo o irmão, o amado e o pai de seu filho. Pouco depois, no entanto, a dama escolhe para si um caminho diferente, uma vida paralela à sua função pública como senhora, uma forma diferenciada de vida, embora, também comum em perspectiva histórica no ambiente cortês/nobre: o *status* de ‘esposa de Cristo’.

Sie hete zuo ir minne erwelt  
weizgot einen stæten helt,  
den aller tiuristen man  
der ie namen gewan  
vor dem zierte si ir lîp,  
als ein minnendez wîp  
ûf einen biderben man sol  
dem si gerne behagete wol.  
swie vastez sî wider dem site  
daz dehein wîp mannes bite,  
sô lac si im doch allez an,  
sô si des state gewan,  
mit dem herzen zaller stunde,  
swie joch mit dem munde:  
ich meine den gnædigen got.  
sît daz ir des tiuvels spot  
sîne hulde hete entwohrt,  
daz hete si nû sêre ervorht  
daz si vreude und gemach  
durch sîne hulde versprach,  
sô daz si naht unde tac  
selher unmuoze phlac  
diu dem lîbe unsanfte tete.  
beide mit wachen und mit gebete,  
mit almuosen und mit vasten  
enlie si den lîp nie gerasten.

---

<sup>26</sup> “Die christliche Religion legt der Witwe nahe, die Enge und Sinnlichkeit der natürlichen Liebe zum Mann zu überwinden und die freigewordene Liebesfähigkeit Christus zuzuwenden”, GERHARDS, Gisela. *Das Bild der Witwe in der deutschen Literatur des Mittelalters*. Bonn: Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn, 1962, p. 113.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

diu wâre riuwe was dâ bî,  
diu aller sünden machet vrî.  
(Gr 871-898)

(Ela escolheu para seu amor/ o mais fiel dos heróis,/ o mais valoroso/ que já houve/ para ele se adornou,/ como uma dama amorosa/ faz diante de um homem valoroso/ ao qual quer agradar./ contradizendo até os costumes/ de que uma mulher se oferece ao homem,/ então ela se esforçou muito para ele,/ tanto quanto achou oportunidade/ inúmeras horas com o coração/ e muitas vezes com a boca também:/ eu quero dizer o Senhor/ depois do ardil do diabo lhe/ ter retirado a graça de Deus,/ ela teve grande pavor/ de que ela toda sua felicidade e bem estar/ negava pela esperança na misericórdia/ tanto que ela dia e noite/ tal esforço empreendeu/ que sacrificou seu corpo./ ambos com vigília e com oração,/ como esmola e com jejum/ não se deixou descansar./ ela encheu-se do verdadeiro arrependimento,/ que liberta de todo o pecado.)

Nessa escolha fica explícita a expiação pelos pecados cometidos, como asseverado por Hildegard Keller. Todavia, a afirmativa da autora de que “Hartmann apresenta uma variante não convencional de sacrifício e auto-santificação através de uma relação erótica com Deus”<sup>27</sup> deve ser relativizada. Em nosso ponto de vista, Hartmann recepciona aqui um motivo comumente explorado na literatura hagiográfica – assim como Wolfram von Eschenbach também o fez ao delinear sua personagem Sigune em *Parzival* – o do abandono do mundo profano em favor de uma relação mais íntima com o sagrado, seja através de um voto formal ou de uma resolução pessoal.<sup>28</sup>

A não convencionalidade poderia até se explicar, caso consideremos a análise de um romance puramente cortês, mas não podemos negligenciar o fato de que trovadores como Hartmann von Aue e Wolfram von Eschenbach recepcionam em suas narrativas matérias inerentes a literatura religiosa, falando de experiências com o sagrado e de resoluções de vida baseadas em uma religiosidade popular.

---

<sup>27</sup> “Hartmann presents an unconventional variant of sacrifice and self-sanctification through an erotic relationship with God.”, KELLER, Hildegard Elisabeth. *My Secret is Mine. Studies on Religion and Eros in the German Middle Ages*. Leuven: Peeters, 2000, p. 98-99. Também Scott Pincikowski aborda o assunto cf. PINCIKOWSKI 2002: 125-126. Acerca da temática da ‘esposa de Cristo’ no campo religioso cf. ANGENENDT, Arnold. *Geschichte der Religiosität im Mittelalter*. *op. cit.*, p. 141-142.

<sup>28</sup> MERTENS, Volker. *Kommentar*. *op. cit.*, p. 850.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Se por um lado a fuga de seus deveres sociais como senhora, ou seja, de sua obrigação de se casar apontam para uma rejeição à ordem do universo cortes, que se manifesta na adoção de um novo *status* como uma penitente, por outro lado, suas características como penitente demonstram seu comprometimento privado em superar, ou seja, alcançar a libertação para sua falha grave, decisão essa que não é reconhecida pela sociedade cortes, visto que um casamento atenderia perfeitamente as necessidades por esta estabelecidas.

Estabelece-se nitidamente um impasse, uma desordem, entre aspiração pessoal e delimitação coletiva. Isso acaba por se refletir diretamente na ameaça e destruição de seu país e no cerco da capital (vgl. Gr 899-922).

#### IV. A esposa do próprio filho e a pecadora arrependida

A narrativa sobre a dama é silenciada, nada mais é dito sobre o destino da personagem em questão até o momento da chegada de Gregorius a Aquitania:

vür einen gast enphie si ir kint:  
ouch was sîn herze dar an blint  
und im unkunt genuoc  
daz in diu selbe vrouwe truoc.  
(Gr 1935-1938)

(como um hóspede, ela recepcionou sua criança/ mas também o coração dele estava cego/ e permaneceu-lhe oculto/ e esta mesma dama o carregava.)

Em um ritual de boas-vindas, a senhora recebe educadamente Gregorius, respeitando, através do distanciamento, tanto as regras cortesias quanto a diferença de *status* social entre os dois. Nesse sentido, podemos reconhecer as quatro funções primordiais deste tipo de ritual já pesquisadas por Corinna Dörrich: “o asseguramento da paz e da amabilidade”, “a demonstração e confirmação da posição e do status social”, “respeito” e a demonstração de “cortesia e formas cultivadas de convívio social”.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> “die Versicherung von Friede und Huld”, “die Demonstration und Bestätigung von sozialem Rang und Status”, “Ehrerbietung” und “Höflichkeit und kultivierte[n] Formen des gesellschaftlichen Umgangs”, DÖRRICH, Corinna. *Poetik des Rituals. Konstruktion und Funktion politischen Handelns in mittelalterlicher Literatur*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002, p. 54-63.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Nesse primeiro contato, o papel do olhar é destacado pelo narrador, pois ainda que este mencione a cegueira do coração (cf. Gr 1936),<sup>30</sup> os olhos parecem ir na direção contrária, ao serem capazes de enxergar com toda a atenção o hóspede recém chegado, ou nas palavras do narrador: “então ela o observou atentamente e contemplou-o mais tempo do que a nenhum homem anteriormente” (“*Nû sach si in vlîzeclîchen an/ und mê dan si deheinen man/ vordes ie getæte?*”, Gr 1939-1941).

Assim, os olhos são as portas para o coração, que se abrem no momento da observação minuciosa. Podemos aqui traçar uma nítida analogia com um trecho da obra *Tratado do amor cortês* de Andreas Capellanus, quando o autor afirma que “o amor é uma paixão inata que advém da visão” (“*Amor est passio quaedam innata procedens ex visione*”, Capellanus, Capitulum I, Quid sit amor).<sup>31</sup> Seguindo esta lógica, Gudrun Schleusener-Eichholz conclui que “os olhos são culpabilizados, visto que o primeiro encontro com a mãe é determinado essencialmente pelo olhar, bem como a genese do amor na Idade Média”.<sup>32</sup>

Ao mesmo tempo em que a cegueira do coração pode referir-se ao período de castidade incorporado pela personagem, que não a permitiu amar novamente, também refere-se a paixão súbita despertada pelo olhar que acaba por cegar por completo, fechando seus olhos ao primeiro sinal que relaciona ambos, que une ambos em um laço de sangue. Embora a dama reconheça o material com o qual fora confeccionada a roupa do jovem, negligencia o fato a ponto de ignorar completamente qualquer relação suspeita (cf. Gr 1945-1947).

Novamente, o narrador culpa o diabo e “transforma a irmã sem nome, agora também mãe, em uma segunda Eva”,<sup>33</sup> (como afirmado em: “este foi o plano

---

<sup>30</sup> Como afirmado por Arnold Angenendt „Vom Herz geht die Lebendigkeit aus, im Herzen wohnen die intellektuellen und voluntativen Fähigkeiten, als da sind Einsicht und Weisheit, Wille und Gewissen“ (ANGENENDT, Arnold. *Geschichte der Religiosität im Mittelalter*. op. cit., p. 248).

<sup>31</sup> CAPELLANUS, Andreas. *De amore/ Über die Liebe*. Lateinisch-Deutsch. Organizado por Florian Neumann. Mainz: Dieterich'sche, 2003, 10.

<sup>32</sup> “Die Augen sind schuldig geworden, da die erste Begegnung mit der Mutter wesentlich vom Blick her bestimmt ist, wie überhaupt bei der Entstehung der Liebe im Mittelalter”, SCHLEUSENER-EICHHOLZ, Gudrun. *Das Auge im Mittelalter*. op. cit., p. 802.

<sup>33</sup> “macht die namenlose Schwester nun auch als Mutter zu einer zweiten Eva”, BRINKER-VON DER HEYDE, Claudia. *Geliebte Mütter – Mütterliche Geliebte*. op. cit., p. 293.





SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

daquele, que também desvirtuou a senhora Eva, quando esta transgrediu a ordem de Deus” (“daz macheten sîne ræte/ der ouch vroun Êven verriet,/ dô si von gotes gebote schiet”, Gr 1960-1962).

A simpatia mútua despertada em ambos suspende o processo de mortificação e o distanciamento do universo cortês auto-imposto pela personagem feminina após a morte do irmão e a definitiva separação do filho. A partir desse momento, os atributos relacionados à personagem passam a ser os do campo semântico da alegria. Neste sentido, podemos falar que está sendo iniciada uma reintegração ao universo cortês, constituindo-se o amor-paixão como o elemento fundamental para compreender as novas características associadas a essa personagem feminina.

Der sælige Grêgôrius  
der bejagete im alsus  
des tages michel sêre  
erlœste sîner muoter lant  
mit sîner ellenthaften hant.  
(Gr 2165-2170)

(O abençoado Gregorius/ combateu tanto/ nesse dia, de grande sofrimento,/ libertou a terra de sua mãe/ com sua mão destemida.)

Gregorius vence o torneio e ‘liberta’ as terras de sua mãe do opressor, possibilitando o retorno da senhora à sociedade cortês através da integração facultada pelo casamento. Contudo, como afirmado por Claudia Brinker-von der Heyde, a dama “não [consegue] diferenciar a insinuação do diabo da vontade de Deus”, pois compreende mal “a chegada do pretenso forasteiro como o dedo de Deus para o perdão de suas culpas anteriores e, com isso, como absolvição para a alcançada promessa de penitência de não casar-se”.<sup>34</sup>

O casamento, que sinalisaria uma aparente restauração da ordem – como afirmado em “pois um casamento legalmente fechado é a melhor vida que Deus poderia ter dado ao mundo” (“wande êlich hîrat/ daz ist daz aller beste leben/ daz got der werlde hât gegeben”, Gr 2222-2224) –, é na verdade mais uma das

---

<sup>34</sup> “die Einflüsterung des Teufels nicht vom Willen Gottes unterscheiden”; “ die Ankunft des vermeintlich Fremden als Fingerzeig Gottes für die Vergebung ihrer bisherigen Schuld und damit als Freispruch für das geleistete Bußversprechen, nicht zu heiraten”, BRINKER-VON DER HEYDE, Claudia. *Geliebte Mütter – Mütterliche Geliebte*. *op. cit.*, p. 293.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

artimanhas do diabo (“vontade do diabo” – “*des tiuvels wille*”, Gr 2244). Ao decidir se casar, a dama estaria entrando novamente em um ciclo pecaminoso, uma vez que estaria rompendo a promessa pessoal de castidade.<sup>35</sup>

Embora o casamento aponte para uma aparente restauração da ordem, o narrador aponta para uma nova mudança na estrutura narrativa: “isso tomou uma queda repentina” (“*das nam einen gâben val*”, Gr 2262). O segredo de Gregorius está prestes a ser revelado, pois sua mortificação perderá o caráter privado e adentrará a esfera pública através da percepção visual da ama. A jovem delata a sua senhora o que vira, o que leva a dama direto ao encontro da placa. Mesmo diante do objeto que ela mesma confeccionara, a dama ainda tem esperanças de que Gregorius não seja seu filho. Uma nova catástrofe é anunciada:

und als si dar an gelas  
daz si aber versenket was  
in den vil tiefen ünden  
tœtlicher sünden,  
dô dûhte si sich unsælic genuoc.  
zuo den brüsten si sich sluoc  
und brach ûz ir schœnen hâr.  
si gedâhte daz vür wâr  
zuo der helle wære geborn  
und got hæte verkorn  
ir herzenlîchez riuwen  
daz si begienc mit triuwen  
umbe ir erren missetât,  
als man iu ê gesaget hât,  
sît er des tiuvels râte  
nû aber verhenget hâte  
daz si an der sünden grunt  
was gevallen anderstunt.  
(Gr 2481-2499)

(e quando ela leu [na placa]/ ela afundou-se/ nas profundezas/ do pecado capital,/ então ela viu-se bastante desgraçada./ bateu contra o peito/ e arrancou seu belo cabelo./ ela acreditou, que realmente/ nascera para o inferno/ e Deus teria descartado/ seu arrependimento de coração/ que começara com lealdade/ por causa de sua culpa anterior,/ como vos foi narrado,/ desde que ele [Deus], as artimanhas do diabo/ permitiu agora novamente/ que ela no abismo do pecado/ caísse pela segunda vez)

<sup>35</sup> KASTEN, Ingrid. *Schwester, Geliebte, Mutter, Herrscherin. op. cit.*, p. 402.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

A reação da dama é estilizada pelo narrador através de uma sequência de gestos comumente utilizados na literatura cortês em associação ao luto feminino. Se por um lado interpretamos essas manifestações corporais como expressão de seu desespero perante o reconhecimento de um novo incesto, também podemos analisar, por outro lado, que haja uma tentativa, ainda que inconsciente, de destruição desse corpo pecador.

Em consequência disso, não haverá mais menções à beleza da dama no texto, ou seja, seu pecado refletir-se-á no seu corpo. Essa redução na beleza física da dama, principalmente no tange à perda da cor, oferece a Gregorius um quadro visível do sofrimento e da dor psíquica da ‘esposa’, como expresso em:

wande er muose schouwen  
an sîner lieben vrouwen  
ein swære ougenweide.  
ir hiufeln was vor leide  
diu rôsenvarwe entwichen,  
diu schœne garwe erblichen:  
sus vant er si tôtvar.  
des entweich ouch im sîn vreude gar.  
(Gr 2541-2548)

(pois ele enxergou/ em sua amada dama/ um olhar de sofrimento./ de dor também sua face/ que era rosada empalideceu,/ sua beleza desvaneceu:/ assim, ele a encontrou mortalmente pálida./ isso também esmoreceu toda a sua felicidade)

O (re)conhecimento de seu duplo papel como esposa e mãe (“eu sou vossa mãe e mulher” – “*ich bin iuwer muoter und iuwer wîp*”, Gr 2604) arruina de vez sua existência terrena (“ah, eu mulher amaldiçoada!” – “*ouwê ich verfluochtez wîp!*”, Gr 2667). Desta vez, somente o retorno ao papel de penitente será capaz de capacitá-la a uma restauração de sua alma e, por fim, poderá lhe possibilitar a redenção e salvação desta, visto que sua carne dominou seu corpo físico.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Partimos do pressuposto que a carne é o envólucro pecador adquirido por toda a espécie humana após a queda e o corpo foi concedido por Deus, ou seja, algo anterior ao pecado original. Para uma discussão mais aprofundada cf. SILVA, Daniele Gallindo G. “*mit wachen und mit gebete, / mit almuosen und mit vasten*”. *op. cit.*, p. 96-106.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Contrariamente ao primeiro incesto com o irmão em que houve a tentativa deliberada de encobrimento, desta vez o foco desloca-se para uma penitência exacerbada, portanto, um desvelamento, como decidido pelo próprio Gregorius:

jâ hân ich einen trôst gelesen  
daz got die wâren riuwe hât  
ze buoze über alle missetât.  
[...]  
belîbet bî iuwerm lande.  
an spîse und an gewande  
sult ir dem lîbe entziehen,  
gemach und vreude vliehen.  
ir ensult es sô niht behalten  
daz irs iht wellet walten  
durch dehein wertlich êre,  
niuwan daz ir deste mêre  
gote rihtet mit dem guote.  
[...]  
ir sît ein schuldic wîp:  
des lât engelten den lîp  
mit tâgelîcher arbeit  
sô daz im sî widerseit  
des er dâ aller meiste ger.  
sus habet in, unz er iu wer,  
in der riuwen bande.  
(Gr 2700-2727)

(bem, eu li uma palavra reconfortante/ que Deus o verdadeiro  
arrependimento/ aceita como penitência para cada falha/ [...]/ permaneci  
aqui em vossa terra/ de comidas e vestimentas/ deveis privar o corpo,/ fugi do  
conforto e da alegria./ contudo, não deveis manter a soberania/ que exercitas/  
por causa da honra mundana,/ mas sim cada vez mais realizeis/ a vontade de  
Deus com vossa riqueza/ [...]/ vós sois uma mulher pecadora,/ por isso deixai  
o corpo pagar/ com mortificação diária/ negando a ele/ aquilo que ele mais  
deseja/ mantenha-o, enquanto viverdes;/ nas amarras do arrependimento.)

Como no primeiro incesto, a solução não é apresentada pela dama. Ela é aconselhada pelas figuras masculinas; o caminho para Deus é indicado pelas personagens masculinas, sendo ao feminino atribuído o papel da incapacidade de tomada de decisões perante o pecado e da necessidade de aconselhamento



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

de um masculino.<sup>37</sup> O ‘corpo rebelde/deformado’ da dama necessita de um disciplinamento, para que sua alma possa alcançar em algum momento a salvação almejada no universo cristão. Seus papéis como senhora e esposa precisam ser suspensos e habitar o passado, sendo somente válido para a dama seu *status* como penitente. Sua nova condição não é descrita em maiores detalhes pelo narrador até o momento em que há o reencontro dos dois, mais especificamente quando Gregorius já assumira o papado.

Nessa ocasião, ficam visíveis as marcas da penitência severa em seu corpo, a ponto desta se tornar inidentificável, ou ainda nas palavras do narrador:

ouch hete si an sich geleit  
die riuwe und die arbeit,  
sît si sich schieden beide,  
daz ir der lîp von leide  
entwichen was begarwe  
an krefte und an varwe,  
daz er ir niht erkande  
unz si sich im nande  
und daz lant Equitâniam.  
(Gr 3847-3855)

(ela também trazia consigo/ o arrependimento e a mortificação,/ desde que eles se separaram,/ tanto que seu corpo, por causa do sofrimento,/ tinha perecido por completo/ em força e em cor,/ por isso ele não a reconheceu/ até que ela se nomeou/ e a terra de Aquitania.)

Na percepção do narrador, a penitente já é descrita como uma “dama devota” (“*dem guoten wîbe*”, Gr 3843), porém esta ainda se enxerga como uma “pobre mulher” (“*einem armen wîbe*”, Gr 3905). O reencontro com o filho lhe possibilitará uma nova percepção de sua própria condição, que já fora antecipada pela visão do narrador, visto que este momento marcará o fim de seus sofrimentos e um novo recomeço em Roma como uma mulher verdadeiramente devotada a Deus.

swaz si ouch jâre sît vertriben  
sît si ze Rôme ensamt beliben,  
diu wâren in beiden  
ze gote alsô bescheiden  
daz si nû iemer mêre sint

<sup>37</sup> KASTEN, Ingrid. Schwester, Geliebte, Mutter, Herrscherin. *op. cit.*, p. 416-417.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

zwei ûz erweltiu gotes kint.  
(Gr 3949-3954)

(os próximos anos que se passaram/ nos quais permaneceram juntos em Roma,/ ambos se voltaram/ somente para Deus/ de modo que eles agora para sempre são/ duas crianças escolhidas de Deus.)

Seu novo *status* liberto de pecados deriva da integração em uma nova comunidade espiritual, tratando-se, pois, de uma conversão. De acordo com Jan-Dirk Müller, a *conversio* denota uma vida em reclusão “a passagem irrevogável para uma outra forma de vida”,<sup>38</sup> diferenciando-se do conceito de *moniage*, que não parte do pressuposto de que haja uma exclusão de uma das formas de vida, mas sim que ambas possam coexistir, ou seja, “o herói procura assegurar para si o poder de definição do clérigo, assumindo por último as máximas de vida desse, sem renunciar a sua identidade como herói feudal”.<sup>39</sup>

A nobre dama tranforma-se (possivelmente) em uma mulher religiosa. Neste sentido, Volker Mertens assevera que na versão francesa a mãe entra formalmente para um convento (*Grégoire* – “*Les dras de religion prist*” – “ela adotou a veste religiosa”) e, portanto, que Hartmann desloca a decisão formal para uma solução pessoal.<sup>40</sup> Em consonância com Claudia Brinker-von der Heyde, podemos afirmar que a *imitatio Evae* conduziu a dama à *imitatio Mariae*.<sup>41</sup>

## Conclusão

A figura materna (bem como a paterna) não possui um nome e é, portanto, descrita exclusivamente pelos seus papéis femininos de filha (*tohter*), irmã (*swester*), dama (*vrouwe*) e mãe (*muoter*). Suas ações são, em geral, determinadas por personagens masculinas e acabam por ter consequências drásticas na vida da personagem tema da obra: por causa do incesto da mãe, Gregorius é criado para

<sup>38</sup> “den unwiderrufflichen Übertritt in eine andere Lebensform”, MÜLLER, Jan-Dirk. *Höfische Kompromisse. op. cit.*, p. 158.

<sup>39</sup> “Der Held sucht sich der Definitionsmacht des Klerikers zu versichern, indem er dessen Lebensmaximen zuletzt übernimmt, ohne jedoch seine Identität als feudaler Heros aufzugeben”, *Ibid.*, p. 158.

<sup>40</sup> MERTENS, Volker: *Kommentar. op. cit.*, p. 876.

<sup>41</sup> BRINKER-VON DER HEYDE, Claudia. *Geliebte Mütter – Mütterliche Geliebte. op. cit.*, p. 294.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina*. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média  
*Mulier aut Femina*. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media  
*Mulier aut Femina*. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

ser monge e o segundo incesto conduz a personagem principal ao seu caminho de penitência severa, que tem como auge sua ascensão ao papado.

Não acreditamos, contudo, que a falta de nome esteja relacionada à existência feminina da personagem, ou seja, a uma relação direta com um discurso misógino e que não permite espaço dentro das narrativas medievais para esse feminino ou ainda ao fato apontado por Gisela Steinle de que o caráter de legenda da narrativa teria influenciado o anonimato da personagem feminina, visto que nas hagiografias mais populares como a *Der Heiligen Leben* a grande maioria das personagens é devidamente nomeada.

Em *Gregorius*, o que está em jogo é a função desse feminino para com o protagonista. A falta de um nome e a “divisão em diversos papéis” demonstram, conseqüentemente, o significado funcional da figura feminina para a narrativa “e, sobretudo, para o herói”.<sup>42</sup> Sem essa figura feminina é impossível pensar a figura Gregorius, pois as atitudes dela delineiam as dele.

\*\*\*

## Bibliografia

- ANGENENDT, Arnold. *Geschichte der Religiosität im Mittelalter*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005.
- BRIDGES, Margaret. Komplex Geschlechtskonstruktion und –dekonstruktion. Objekte und Subjekte der mittelalterlichen Literatur. In: *Unipress: Forschung und Wissenschaft an der Universität Bern*. Heft 109, Juni 2001. <http://www.unibe.ch/unipressarchiv/heft109/beitrag5.html> (01/01/2013).
- BRINKER-VON DER HEYDE, Claudia. *Geliebte Mütter – Mütterliche Geliebte. Rolleninszenierung in höfischen Romanen*. Bonn: Bouvier, 1996.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BYNUM, Caroline Walker. *Holy feast and holy fast. The religious significance of food to medieval women*. Berkley/ Los Angeles/ London: University of California Press, 1987.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*. Tübingen/Basel: Francke, 1993.
- DEBUS, Friedhelm. *Namen in literarischen Werken*. (Er-)Findung, Form, Funktion. (Akademie der Wissenschaften und der Literatur Mainz, Abhandlungen der Geistes- und sozialwissenschaftlichen Klasse, Jahrgang 2002, Nr. 2). Stuttgart: Steiner, 2002.

---

<sup>42</sup> “Aufspaltung in verschiedene Rollen [...] und vor allem für den Helden.”, KASTEN, Ingrid. Schwester, Geliebte, Mutter, Herrscherin. op. cit., p. 401.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*  
*Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média*  
*Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media*  
*Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages*

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

- DÖRRICH, Corinna. *Poetik des Rituals. Konstruktion und Funktion politischen Handelns in mittelalterlicher Literatur*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002.
- GERHARDS, Gisela. *Das Bild der Witwe in der deutschen Literatur des Mittelalters*. Bonn: Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn, 1962.
- HARTMANN VON AUE. *Gregorius*. Tübingen: Max Niemeyer, 2004 (ATB 2).
- HENGST, Karlheinz/ SOBANSKI, Ines. Eigennamen als Strukturelemente im literarischen Text. In: DAKOWSKA, Maria (org.). *English in the Modern World*. Festschrift for Hartmut Breitzkreuz on the Occasion of his Sixtieth Birthday (Foreign Language Studies 5). Frankfurt am Main: Peter Lang, 2000, 79-101.
- KASTEN, Ingrid. Gender und Legende. Zur Konstruktion des heiligen Körpers. In: *Historischer Verein Bamberg* 137, 2001, p. 117-133.
- KASTEN, Ingrid. Schwester, Geliebte, Mutter, Herrscherin. Die weibliche Hauptfigur in Hartmanns ›Gregorius‹. In: *Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur* 115, 1993, p. 400-420.
- KELLER, Hildegard Elisabeth. *My Secret is Mine. Studies on Religion and Eros in the German Middle Ages*. Leuven: Peeters, 2000.
- LECHTERMANN, Christina. Funktionen des Unsagbarkeitstopos bei der Darstellung von Schmerz. In: SCHIEWER, Hans-Jochen/ SEEBER, Stefan/ STOCK, Markus (org.). *Schmerz in der Literatur des Mittelalters und der Frühen Neuzeit* (Trast 4). Göttingen: V&R Unipress, 2010.
- MERTENS, Volker: Kommentar. In: HARTMANN VON AUE. *Gregorius. Der arme Heinrich. Iwein*. Text und Kommentar (DKV TB 29). Herausgegeben und übersetzt von Volker Mertens. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 2008, 769-1051.
- MÜLLER, Jan-Dirk. *Höfische Kompromisse. Acht Kapitel zur höfischen Epik*. Tübingen: Max Niemeyer, 2007.
- PINCİKOWSKI, Scott E. *Bodies of pain. Suffering in the works of Hartmann von Aue*. New York: Routledge, 2002.
- SCHLEUSENER-EICHHOLZ, Gudrun. *Das Auge im Mittelalter* (Münstersche Mittelalter-Schriften 35). Segundo volume. München: Wilhelm Fink, 1985.
- SILVA, Daniele Gallindo G./ CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. *Corpos que falam, corpos que calam: um estudo comparativo das personagens rymenhild, de King Horn, e a donzela, de Armer Heinrich, de Hartmann von Aue*. In: *Revista de História Comparada* 4 (2), 2010, 72-94. <http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/revistahc.htm> (29/03/2012).
- SILVA, Daniele Gallindo G. *“mit wachen und mit gebete,/ mit almuosen und mit vasten”. Die Kasteiung des Fleisches in den Werken Hartmanns von Aue und Wolframs von Eschenbach* (Schriften aus der Fakultät Geistes- und Kulturwissenschaften 7). Bamberg: University of Bamberg Press, 2011.
- SILVA, Daniele Gallindo G. Ritual e Literatura: Gregorius de Hartmann von Aue. In: *Revista Medievalis* 1 (1), 2012, 3-20. <http://medievalis.nielim.com/edicoes> (29/03/2013).
- STEINLE, Gisela. *Hartmann von Aue – Kennzeichen durch Bezeichnen. Zur Verwendung der Personenbezeichnungen in seinen epischen Werken*. Bonn: Bouvier, 1978.
- WOLF, Jürgen. *Einführung in das Werk Hartmanns von Aue*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2007.